

Discurso sobre a sexualidade feminina em mídias digitais: o caso Vagina Sem Neura¹

Paula VIEGAS²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente estudo busca compreender como o discurso da sexualidade feminina está sendo articulado nas mídias digitais. A revisão bibliográfica debate o tema em seu viés histórico, os discursos produzidos sobre o corpo feminino e as características da comunicação mediada por computador. Para isso, o caso analisado foi o projeto Vagina Sem Neura. Os dados foram coletados por meio de uma observação simples do seu perfil no Instagram e de entrevista com a idealizadora do projeto. Através dos cinco níveis da Análise de Discurso Mediada por Computador – Estrutura, Sentido, Interação, Comportamento Social e Comunicação Multimodal – foi possível perceber questões como a relação de colaboração através das interações; a diferença do conteúdo nas publicações privadas e públicas; e a co-atividade do Instagram neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; mídias digitais; sexualidade feminina.

INTRODUÇÃO

Observando os discursos sobre sexualidade em mídias digitais é possível perceber uma diferença entre o que é “permitido” dizer ocorrendo de uma forma diferente para as mulheres e para os homens. Também há espaços em que se é permitido falar sobre determinados assuntos ou que determinados tipos de discurso tem legitimação. Quando se fala em uma sexualidade que não cumpre a ordem binária oposicional dos gêneros, as interdições são ainda mais frequentes.

O presente estudo faz parte de um projeto mais amplo que tem como objetivo compreender como está ocorrendo o discurso sobre a sexualidade feminina nas mídias digitais. Entendendo esta como uma pergunta ainda pouco delimitada, a proposta deste artigo é realizar um estudo de caso para compreender, de uma forma mais aprofundada, um determinado projeto online que se proponha a tratar do tema.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

² Doutoranda do Curso de Comunicação e Informação da FABICO-UFRGS, e-mail: paula.viegas@ufrgs.br.

Para isso, foi escolhido o Vagina Sem Neura, criado pela fisioterapeuta Ana Gehring, que trata do corpo feminino, prazer e amor próprio. Os dados a serem analisados serão obtidos a partir de uma entrevista com a criadora do projeto e a observação simples em uma das principais plataformas digitais interativas utilizada por ela na produção de conteúdo, o Instagram.

Considerando a sexualidade feminina como um tabu em uma perspectiva histórica, as perguntas que norteiam este estudo são: como o Vagina Sem Neura utiliza as mídias sociais para comunicar sobre a sexualidade feminina? Quais ferramentas e sites são utilizados neste processo? Como é o engajamento entre a produtora de conteúdo e suas receptoras? O que é possível perceber a partir dos comentários? A partir dessa problematização, inicialmente faremos uma exploração teórica sobre sexualidade feminina e a comunicação em mídias digitais.

1 SEXUALIDADE FEMININA

Para compreender o discurso da sexualidade feminina nos dias de hoje, parece relevante pensar este tema por um viés holístico. Além disso, precisamos estabelecer o que estamos chamando de “sexualidade” e o que estamos chamando de “feminina”.

Para isso, trazemos Foucault (2014) com sua abordagem biológica e histórica sobre o discurso da sexualidade, Weeks (2016) e Vance (1995) para pensar a sexualidade articulada ao gênero além do viés construcionista ou essencialista. Para compreender questões de gênero articuladas a sexualidade, que saem de um padrão histórico quase hegemônico, percebemos um discurso atrelado ao prazer feminino (SOHN, 2008), que vão além da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2016).

Foucault (1980; 1996) nos convida a olhar para a sexualidade através de sua discursividade, que pode ser considerada um tabu dependendo de quem fala e onde fala. Essa é a ordem discursiva ao se pensar a sexualidade feminina materializada no discurso. Mesmo num contexto brasileiro, dificilmente se pode falar que o discurso sobre as práticas sexuais do corpo feminino são essencialmente tabus, considerando a complexidade apresentada pelas intersecções que o marcador de gênero recebe.

Foucault (1996) expõe interdições que determinados discursos sofrem na sociedade. Ele aponta que há certas coisas das quais não se pode falar, ou apenas podem ser faladas por determinadas pessoas em determinados lugares. O que ele chama de

palavra proibida - ou tabu do objeto - ocorre principalmente em assuntos como a sexualidade. O autor aponta que

em nossos dias, as regiões onde essa grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Para compreender como essas interdições discursivas - e demais mecanismos de poder - funcionam sobre a sexualidade, o autor propõe um olhar histórico, sem aceitar que o sexo é - e sempre foi - reprimido e, por isso, incitado. Entretanto, ele percebe traços de um regime vitoriano ainda hoje; um regime marcado pela censura, repressão e pelo desenvolvimento do capitalismo liberal. O autor aponta que a partir do fim do século XVI o sexo foi se colocando no discurso mas, em vez de sofrer um processo de restrição, foi submetido a incitação. Essa multiplicação de falas sobre o tema já pode ser compreendida como um exercício de poder, numa busca pelo “verdadeiro sexo”.

A linguagem utilizada era ser cuidadosa, buscando não mencionar o sexo diretamente e as palavras devem ser neutralizadas. No início do século XVII, as práticas da sexualidade não pareciam procurar segredo. Este é o século que inicia o processo da biopolítica, ou seja, quando “pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político” (FOUCAULT, 2014, p. 154). Hoje vivemos em uma época do que Foucault (2014) chamou de “heterogeneidades sexuais”, mas com uma “vontade de verdade” que visa reduzir as sexualidades singulares.

O poder que se exerce sobre o corpo e sobre o sexo não tem forma de lei nem efeitos da interdição, mas sobre a constituição de uma ordem natural da desordem. Um poder que não busca exatamente “dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismo de dupla incitação: prazer e poder” (p. 50). Assim se forma o dispositivo da sexualidade, que para garantir sua inteligibilidade perpassa a totalidade dos corpos e da identidades para garantir os efeitos de hegemonia formados histórica e biologicamente.

Ao tratar do corpo feminino, Sohn (2008) aponta que com o passar do século XX, o corpo das mulheres foi ficando mais à mostra, o que teve um impacto instantâneo na vida privada, reabilitando o corpo em sua dimensão sexuada. Isso também ocorre devido

- e como consequência - do aumento da pornografia. Antes desse período, os discursos científicos sobre a sexualidade feminina focalizam em sua função materna, diferente da sexualidade feminina. Em 1950, por exemplo, o livro *Married Love* aborda o direito do prazer da mulher casada.

A autora aponta que os primeiros estudos sobre sexualidade focaram especialmente no binômio feminino/masculino e, conseqüentemente, da oposição binária entre passivo/ativo, nos quais “Freud, com efeito, define a libido como masculina, e conclui que rapazes e moças devem organizar a sua sexualidade em torno do pênis” (SOHN, 2008, p. 121). Esses primeiros discursos sobre a sexualidade contribuíram para o silenciamento e a vergonha em torno do tema, mas que também legitimaram o prazer.

Já em 1953, foi desenvolvido um estudo sobre a sexualidade feminina da Institute for Sex Research da Universidade de Indiana que não tem preocupação conjugal ou reprodutiva, mas no prazer. Sendo assim, no decorrer do século XX, o discurso sobre a sexualidade foi se desenvolvendo de modo mais aberto. A mudança na linguagem que se refere ao corpo sexuado é uma forma de compreender tais processos. A possibilidade de falar sobre a sexualidade além da “clandestinidade” parece ser um passo importante para compreender seus mecanismos de poder de forma mais aprofundada. Compreender os corpos - e os discursos relacionados a ele - como lugares de poder, nos permite desvelar as diferenças naturalizadas e pouco questionadas.

Vance (1995) expõe que as teorias construtivistas mais extremas de posicionam de modo que até mesmo o desejo é socialmente construído, contrastando aos estudos construtivistas moderados que reconhecem as pulsões do corpo, construindo divergências entre si, além das oposições entre o viés essencialista e da influência cultural. Segundo a autora, a sexualidade não é adjacente, nem equivalente à reprodução: a sexualidade reprodutiva constitui uma pequena parte do universo sexual mais amplo” (VANCE, 1995, p. 22). Ela diz que o essencialismo, por ter sido a primeira forma de pensar a sexualidade, ainda é apontado como uma vontade de verdade, nos termos foucaultianos, mas deve ser questionado.

Pelo mesmo viés de raciocínio, Weeks (2016) acredita que “a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico” (p. 38). O autor destaca as diferenças entre a experiência sobre a sexualidade a partir dos marcadores de gênero, classe e raça, isto é, corpos socialmente diferenciados, que funcionam como relações de poder: “padrões de sexualidade feminina são,

inescapavelmente, um produto de poder dos homens para definir o que é necessário e desejável - um poder historicamente enraizado” (WEEKS, 2016, p. 56). Nesse sentido, o corpo feminino foi tratado por muitos anos como inferior e invertido do masculino, direcionado apenas para o prazer masculino e para a reprodução.

Entretanto, com o passar dos anos, novos discursos pensam mais nas singularidades dos corpos e não apenas na complementaridade entre os gêneros, o que traz novas relações culturais e políticas. Segundo Weeks (2016), as mulheres tem sido, cada dia mais donas de suas próprias vidas. Além disso, não podemos definir o comportamento sexual nem como algo natural, nem não-natural, pois “nossas definições, convenções, crenças, identidade e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder” (WEEKS, 2016, p. 42).

Pra Butler (2000) o gênero é performativo, ou seja, que depende de práticas reiterativas nas quais o discurso produz efeitos. As diferenças sexuais são simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas e o gênero funciona como um ideal regulatório através da materialização nos corpos e suas práticas. A autora busca compreender como a linguagem constrói a categoria de sexo através de uma heterossexualidade presumida.

Nesse sentido, os atos, gestos e ações são performativos, sustentados por signos corpóreos e outros meios discursivos. Nesse sentido, os gêneros são produzidos somente como "efeitos de verdade" e o sexo é a norma regulatória que produz corpos através de efeitos de poder (BUTLER, 2000). A reiteração é necessária pois esse conjunto de normas funciona repetidamente através de sua teatralidade e sua historicidade nos corpos e discursos.

2 DISCURSO MEDIADO POR COMPUTADOR: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na internet, o discurso sobre a sexualidade feminina é plural e heterogêneo. Diversas publicações sobre o tema, nas mais diversas ferramentas digitais, reforçam estereótipos conservadores e a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2000) ou propagam discursos de ódio contra as “heterogeneidades sexuais” (FOUCAULT, 2014). Entretanto, a multimodalidade das mídias digitais, também permitem uma conversação em rede baseada na colaboração entre as mulheres.

As relações de conflito e colaboração emergem nas interações deste tipo de discurso, que normalmente é polêmico, como um tabu do objeto (FOUCAULT, 1996), ou traz informações novas a um determinado público, como é o caso das mulheres.

A cooperação é o processo formador das estruturas sociais. Sem cooperação, no sentido de um agir organizado, não há sociedade. A cooperação pode ser gerada pelos interesses individuais, pelo capital social envolvido e pelas finalidades do grupo. Entretanto, é essencial para a compreensão das ações coletivas dos atores que compõem a rede social [...] O conflito, de outro lado, pode gerar hostilidade, desgaste e ruptura social (RECUERO, 2009, p. 81-82).

Em mídias digitais, especificamente, esses processos são dinâmicos e podem gerar agregações ou rupturas. As interações em plataformas como Instagram são baseadas, principalmente, em laços fracos, que funcionam como estruturadores das redes sociais (GRANOVETTER, 1973; 1983 apud RECUERO, 2009) e atuam com certa instabilidade devido à falta de comprometimento em manter uma conexão concreta entre duas pessoas, como no caso dos laços fortes.

Outro ponto que se refere a sexualidade feminina nesses espaços mediados é a contextualização em ferramentas públicas e privadas. No Instagram, por exemplo, as interações podem ser tanto públicas (através das publicações na linha do tempo) como privadas (através das histórias). Recuero (2012) salienta que nos espaços mediados como a linha do tempo, nem todas as pessoas que interagem percebem quem mais está lendo ou interagindo em uma determinada publicação. Esta característica pode gerar conflitos, quando alguém não compreende e não recupera o contexto de um determinado assunto, o que é limitado pela mediação do computador nesse discurso.

Segundo Herring (2004) o discurso mediado pelo computador é um processo onde seres humanos se comunicam através da troca de mensagens por computadores ligados em rede. Esse tipo de interação decorre, principalmente, através de aspectos visualmente apresentados da linguagem, sejam textos verbais, imagens ou vídeos. Em sua estratégia teórico-metodológica, este estudo se inspira no método de Susan Herring, a Análise de Discurso Mediada pelo Computador (ADMC), que parece adequada para o objetivo, que é compreender como está ocorrendo o discurso sobre a sexualidade feminina nas mídias digitais.

De acordo com Herring (2004), “a orientação metodológica básica de ADMC é a análise de conteúdo com foco na linguagem” (p. 4), de forma qualitativa - nas análises

em amostra de texto - ou quantitativa - para serem codificados e contados a partir das frequências relativas produzidas. A análise no presente trabalho será basicamente qualitativa, salvo alguns números que servirão de apoio para demonstrar a intensidade de alguns padrões.

Para ela, as características especiais para esse tipo de interação nos dão pistas de como podemos analisar as mensagens mediadas pelo computador, além de fornecer um ambiente único, sem o contexto físico, interessante para a análise da interação verbal e a relação entre o discurso e a prática social. Nesse sentido, a partir da ADMC (HERRING, 2004; RECUERO e SILVA, 2013), as interações nos perfis do Vagina Sem Neura serão analisadas em cinco níveis: estrutura, sentido, interação e comportamento social.

Para cada nível, há algumas questões a serem direcionadas ao objeto de pesquisa e fenômenos a serem analisados. No primeiro nível, a Estrutura, buscam-se questões relacionadas à oralidade, formalidade, eficiência, expressividade e complexidade através de fenômenos como tipografia, ortografia, esquema do discurso e convenções de formatação. Já no segundo nível, o Sentido, pergunta-se ao objeto qual é a intenção? O que é comunicado? O que é realizado? Para isso, os fenômenos a serem observados são os atos de fala, locuções, trocas, etc.

Na Interação, terceiro nível, as questões propostas têm relação com interatividade, tempo, coerência, reparação e interação como construção; o que é analisado através de fenômenos como turnos, sequenciamentos e trocas. O quarto nível, Comportamento social, busca compreender a dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais, etc. Isto é realizado a partir de fenômenos como expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos e discurso. O último nível, Comunicação multimodal

é proposta e discutida por Herring em novo trabalho (2012) e não fazia parte das características propostas inicialmente em 2004. A inclusão desta categoria é proposta diante do advento do que a autora chama de Web 2.0, os novos ambientes do discurso que projetam novos padrões de uso, novos contextos de linguagem, convergentes e hipermediáticos” (RECUERO; SILVA, 2013, p. 244).

Este nível tem como questão os efeitos do modo, coerência do cruzamento dos modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas e co-atividade de mídia. Estas questões são observadas a partir da escolha do modo, do texto na imagem, animações, posições espaciais e temporais, etc.

3 ESTUDO DE CASO: VAGINA SEM NEURA

Por se tratar de um tema ainda pouco trabalhado academicamente, o presente estudo se apresenta como uma pesquisa exploratória, que propicia uma visão geral do tema, normalmente trabalhando com técnicas como estudo de caso e entrevista não padronizadas (GIL, 2008). Este tipo de pesquisa “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 2008, p. 27).

Para compreender como a conversação sobre a sexualidade feminina está ocorrendo nas mídias digitais, o procedimento metodológico escolhido é o estudo de caso. Segundo Yin (2005), o estudo de caso é uma investigação empírica que se interessa por fenômenos contemporâneos dentro de um contexto da vida real. Este método possibilita a explicação de vínculos causais em intervenções cotidianas, descrição de uma intervenção em seu contexto e a ilustração de determinados tópicos, especialmente em situação que não se apresentam de forma clara e simples. Neste estudo, o caso analisado é o projeto Vagina Sem Neura, criado pela fisioterapeuta Ana Gehring.

Para coletar os dados a serem analisados, foram utilizadas duas técnicas de pesquisa: 1) observação simples, permanecendo alheia à situação estudada, observando de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem a partir dos sujeitos, o cenário e o comportamento social (GIL, 2008, p. 102), e 2) entrevista semiestruturada, com a idealizadora do projeto, Ana Gehring, para enxergar as lacunas escondidas pela observação simples, como o discurso que ocorre em ferramentas digitais mais privadas. Para analisar os dados gerados seguiremos os cinco níveis da Análise de Discurso Mediada por Computador (HERRING, 2001; 2004), anteriormente citados e explicados.

3.1 Estrutura

O Vagina Sem Neura surgiu em 2016 pela necessidade de compartilhar conteúdo que normalmente ficava restrito ao consultório da fisioterapeuta e idealizadora do projeto e que, segundo ela, eram informações básicas – como contracepção, menstruação, higiene menstrual, sexualidade – que fazem todo o diferencial na vida dessas mulheres (GEHRING, 2019). Na entrevista, a idealizadora do projeto cita como plataformas de

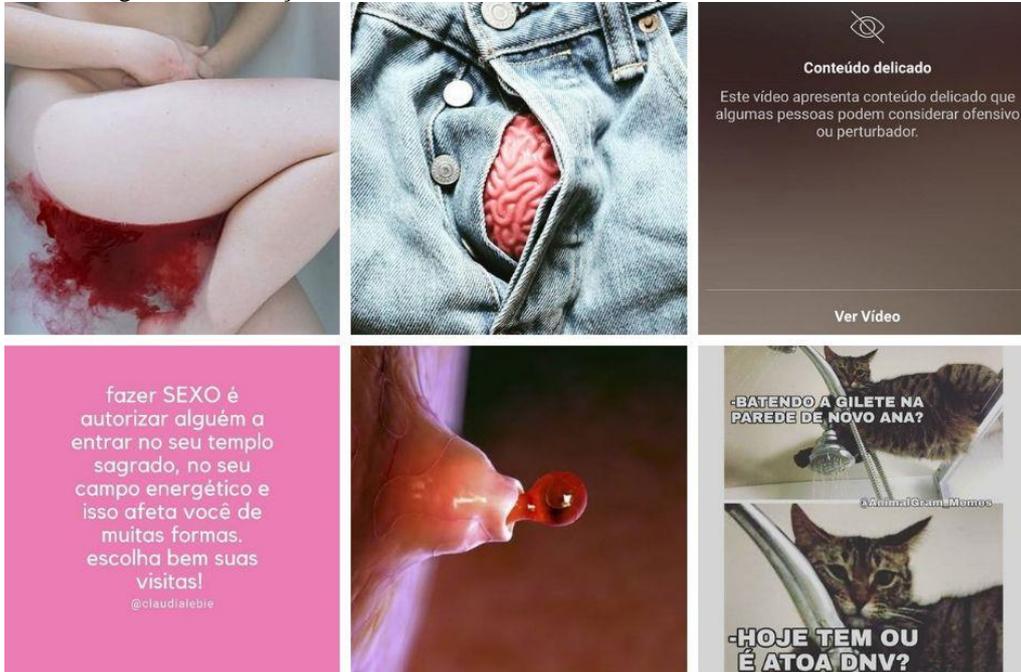
divulgação do seu conteúdo o site³ e os perfis no Instagram⁴ e no YouTube⁵. Neste trabalho, por buscarmos plataformas digitais que permitam interações nos discursos mediados por computador, observamos especialmente o Instagram, que tem o maior número de seguidores.

No Instagram - plataforma que a conta está atualizada - o perfil tem mais de 247 mil seguidores e 1260 publicações⁶. A descrição do perfil é “Ana Gehring, Female Body Expert, Ciclos femininos, prazer e amor próprio. Parcerias e Palestras parcerias@vaginasemneura.com.br”. A estrutura de comunicação é informal, pessoalizada, bem humorada e sem a complexidade de um estudo científico.

3.2 Sentido

Para compreender o sentido que vem sendo construído na página, foram coletadas as publicações que mais receberam interações (curtidas e comentários) em cada mês do primeiro semestre de 2019. Na Figura 1 é possível observar as imagens utilizadas nessas seis publicações.

Figura 1: Publicações mais curtidas de cada mês do primeiro semestre de 2019



Fonte: Montagem realizada pela autora com imagens do Instagram Vagina Sem Neura

³ <https://www.vaginasemneura.com.br>

⁴ <https://www.instagram.com/vaginasemneura>

⁵ <https://www.youtube.com/vaginasemneura>

⁶ Coleta realizada em 01 jul. 2019.

Em janeiro, a publicação que recebeu mais interações (13227 curtidas e 413 comentários) foi no dia 14 e tem a menstruação como tema. No texto, Ana fala que se pode fazer tudo menstruada, até mesmo tomar banho de imersão, mas para isso é preciso ter alguns cuidados, dependendo da temperatura da água. Ela também explica que o “absorvente interno deve ser trocado em até 4 horas, coletor menstrual que pode ser usado até por 12 horas ou um biquíni menstrual tipo o da @oiherself que segura o fluxo por até 6 horas”. O arroba corresponde a uma marcação que leva a outro perfil, o da marca Herself, de biquínis e calcinhas menstruais. E no fim, busca a interação com as seguidoras através da pergunta: “Você deixa de perder o bom do verão pela sua menstruação?”

Na entrevista, a idealizadora fala que tem várias parcerias com marcas hoje, principalmente relacionadas à contracepção, lubrificantes e vibradores. O desafio que ela diz ter é não infringir os próprios valores vendendo qualquer coisa, pois: “uma marca de absorvente pode pagar 200 mil [reais] ao ano em publicidade, mas como eu vou me entregar a fazer uma publicidade para uma marca dessas sendo que eu sei que vai demorar 100 anos para um absorvente se decompor na natureza?” (GEHRING, 2019).

Em fevereiro, a postagem mais curtida (10205 curtidas e 285 comentários) também foi publicada no dia 14 e trata da sexualidade:

Até parece que temos um segundo cérebro aí em baixo, e incrivelmente a maioria não sabe escutar os sinais que ela dá! Vai dizer.... é só a gente criar ranço do parceiro, entrar no comodismo, ter preguiça excessiva, que ela não lubrifica... se fecha..... o útero fica baixo.... rejeitando sua presença! [...] O sexo no relacionamento longo pode até diminuir de frequência, mas NUNCA de qualidade, de entrosamento, de diversão!

A intenção da postagem parece estar alinhada a proposta do perfil: sem neura. No fim, ela pergunta “Quantas vezes em média você transa por ano? Tem ideia?”

Em março, a publicação com mais interações (22527 curtidas e 564 comentários) foi postada no dia 25. O vídeo foi censurado pelo Instagram e não pode ser acessado. O texto que o acompanha trata de questões sobre nudez, corpo e sexualidade, falando da importância da comunicação sobre a sexualidade:

Sei que muitas tem vergonha até de ficar peladas na frente do parceiro.... tem gente que é desencanada no geral, mas com mãe e outros familiares não rola conversar sobre.... tem amigas que nunca tiveram um papo sem neuras com amigas sobre saúde íntima e sexualidade... tem gente que tem vergonha até de si mesma!

A postagem também traz questionamentos para gerar interação como “Consegue ver, ouvir e falar sobre assuntos de sexualidade tranquilamente?”

Já em abril, a publicação com mais interações (33890 curtidas e 681 comentários) foi postada no dia 14 e traz na imagem uma frase de outro perfil do Instagram, falando sobre o corpo como um templo. No texto, Ana traz um relato pessoal:

Hoje em dia entendo o sexo como uma grande troca de energia e priorizo me relacionar com pessoas alinhadas com o que quero pra minha vida, não porque quero casar com os crushs, mas porque prefiro não perder tempo e energia com gente totalmente desalinhada com meus propósitos!

Em maio, a publicação do dia 11 é a que recebe mais interações (13865 curtidas e 213 comentários) e traz a imagem de um óvulo e o texto: “O óvulo vive cerca de 24 horas, não se movimenta sozinho! É levado pela dança dos cílios das trompas uterinas em direção ao útero para encontrar seu grande amor! O espermatozóide! Aliás.... 300 milhões deles!” Nessa publicação, a intenção parece ser a visibilidade de temas científicos com uma linguagem mais acessível.

Em 7 de junho foi publicada a postagem com mais interações deste mês (17507 curtidas e 793 comentários). Na imagem aparece um gato que pergunta “batendo a gilete na parede de novo Ana? Hoje tem ou é atoa dnv?” se referindo à depilação feita para uma possível transa, em que a expectativa não é atingida. O texto que acompanha a imagem traz novamente um tom pessoal: “Se eu tivesse um gato ele ia ser do deboche”.

3.3. Interação

Segundo dados cedidos pela própria idealizadora do Vagina Sem Neura, entre as pessoas que curtem a página 91% são mulheres e 9% são homens (sem dados de pessoas que não se categorizam nessa binaridade); a maioria tem idade entre 25 e 34 anos - pouquíssimas pessoas idosas ou adolescentes; e o maior número de pessoas é de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre ou Brasília.

Os comentários mais frequentes são de mulheres marcando outras mulheres, ou seja, perfis que chamam outros perfis para ver a postagem ou indicando a publicação através de *links*. As pessoas marcadas recebem notificações com tal *link*. Outras interações trazem relatos pessoais ou opiniões que reiteram a publicação do perfil, como “Eu transo com meu marido todos os dias, as vezes mais de uma vez por dia! E é tão boom” ou “Com as amigas tudo bem falar, mas com a mãe DEUS ME LIVRE, pago

uma sexóloga mas não falo sobre sexo com a minha família”. Não encontramos possíveis conflitos, pois normalmente as pessoas concordam com tal posicionamento e trazem uma contribuição através de um comentário.

Considerando a interação como construção, conforme a orientação da ADMC, percebemos uma troca de informações que parece importante para questões pessoais sobre a sexualidade feminina. É possível ver traços de um discurso mais tradicional, de vergonha, medo e receio, mas também relatando o próprio corpo com ideias de libertação e satisfação.

3.4 Comportamento social

Nesse nível de análise devemos observar dinâmicas sociais, poder, influência, diferenças culturais, etc. Um ponto a ser destacado é a legitimação do discurso profissional de Ana. É possível perceber a influência de sua prática como fisioterapeuta na criação de conteúdo. Além disso, há uma troca: além de transparecer sua profissão, o perfil também é visto como um legitimador da própria área de conhecimento:

Hoje em dia, na verdade, as minhas seguidoras me consideram mais uma ginecologista do que uma fisioterapeuta. Então até criou uma certa relevância pro papel do fisioterapeuta pélvico na saúde da mulher. Até então era uma profissão bem desconhecida, ninguém sabia que existia essa especialização na área genital e hoje em dia eu to vendo que muitas fisioterapeutas se inspiram no meu trabalho e isso com certeza tá aumentando a relevância da minha profissão (GEHRING, 2019).

Apesar do apontamento de Sohn (2008) sobre a possibilidade de falar sobre a sexualidade além da “clandestinidade”, o que colabora na compreensão de seus mecanismos de poder, Ana percebe que “as mulheres, no geral, um grande desconhecimento em relação a sua sexualidade e a sua vagina” (GEHRING, 2019).

A desigualdade de gênero também é percebida em publicações e comentários que falam sobre homens, em uma lógica binária oposicional (BUTLER, 2016). Isto pode ser alinhado ao que Weeks (2016) aponta como relações definidas de um poder historicamente enraizado, em que a sexualidade feminina é um produto de desejo e necessidade dos homens. Na entrevista, Ana diz que vê o Vagina Sem Neura como: “uma página muito segura, que tem pouca presença de homens nos comentários, então é um lugar que elas se sentem apoiadas umas pelas outras” (GEHRING, 2019). Isso aponta para uma colaboração (RECUERO, 2012), majoritariamente feminina, que estrutura essa

rede. Pelas interações também é possível ver a influência de Ana através de seu conteúdo, como no comentário “Aprendo sempre com você para ir me ‘destravando””.

3.5 Comunicação multimodal

Neste último nível de análise, devemos perceber a coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência. Outro ponto relevante é considerar a co-atividade de mídia, ou seja, como o Instagram interfere no discurso do Vagina Sem Neura. Como vimos na postagem mais curtida de março de 2019, a plataforma pode censurar uma imagem, negando o acesso a um determinado conteúdo por ser considerado delicado, ofensivo ou perturbador.

Ao tratar do movimento “Free the Nipple”, que questiona a censura do Instagram a mamilos femininos, mas permite mamilos masculinos, Werlang e Arruda (2018) apontam que tal movimento age sobre duas categorias reguladoras, que são a internet e o sexo. O estudo analisa “de que forma as redes se apropriam do sexo como elemento censor das fotos publicadas pelos usuários e de que forma a própria rede social constrói saberes sobre o sexo ao identificá-lo (p. 3). Nesse caso, é possível ver a co-atividade de mídia que movimenta relações de poder sobre o corpo e a sexualidade.

Em relação às ferramentas do Instagram, percebemos que a marcação de perfis apoia na colaboração das mulheres através das publicações. Além da marcação de amigas nas postagens, também é possível ver a marcação de Ana com empresas ou pessoas que produzem conteúdo que se alinha a sua proposta. Também há uma diferença entre interações públicas (através das publicações, na linha do tempo) e privadas (as histórias, que recebem *directs* - ou seja, mensagens diretas que Ana recebe de modo privado):

Hoje em dia eu recebo cerca de 500 directs por dia e são as dúvidas mais frequentes. As mulheres chegam a mandar foto da região íntima, da calcinha, do absorvente para esclarecer dúvidas em relação ao muco, cheiro e todas essas dúvidas assim. Eu evito responder elas porque eu já vi muito caso de HPV e tu não tem como afirmar para pessoa que é HPV mesmo olhando e praticamente tendo certeza disso. [...] tem muitas gurias que estão fazendo aborto, e estão me pedindo dicas, estão querendo parar de tomar anticoncepcional, ou estourou a camisinha e não sabem o que fazer e elas vem na urgência, as dúvidas são fortes” (GEHRING, 2019).

Nesse sentido, os discursos produzidos respeitam determinadas normas de comportamento, dependendo da possibilidade de propagação, marcação,

compartilhamento, etc. As histórias, por exemplo, são usadas para fazer enquetes e perguntas mais pessoais. Este conteúdo é, normalmente, menos elaborado. Em entrevista, Ana diz que tenta publicar histórias todos os dias. Através dessa ferramenta, ela produz imagens, vídeos e textos com um conteúdo mais rápido de ser apreendido e um tom ainda mais pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentando caminhar além dos vieses construcionista e essencialista, este estudo buscou entender as relações de poder nas articulações e performatividades do sexo, sem esquecer das características biológicas deste corpo. O feminino ainda parece funcionar como uma categoria constantemente reiterada que se articula a relações de poder nas mídias digitais, assim como a heterossexualidade.

Apesar da teoria apontar para uma mudança no discurso sobre a sexualidade e na percepção do corpo feminino, podemos ver traços de insegurança e desconhecimento do mesmo. Também é possível notar o reforço da heterossexualidade compulsória e certa invisibilidade sobre as sexualidades singulares. A censura do Instagram em uma imagem de nudez feminina também reforça o entendimento do corpo como sexuado e sexualizado. Um discurso proibido, que nos termos foucaultianos, incita o poder e o prazer.

Apesar disso, o conteúdo produzido e a ferramenta de comentários parece colaborar na troca de informações entre as mulheres. Percebendo a importância do autoconhecimento para a saúde feminina e para o rompimento de relações de poder com raízes históricas que invisibilizavam o tema, os dados apontam para a possibilidade de colaboração através das ferramentas digitais de sites como o Instagram. Os resultados ainda são iniciais e insuficientes para uma generalização do fenômeno discursivo sobre a sexualidade feminina nas mídias digitais, mas a análise apontou pistas interessantes para continuarmos a pesquisa através do aprofundamento no contexto empírico.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GEHRING, Ana. **Vagina Sem Neura**. Entrevista concedida a Paula Viegas. Porto Alegre, 27 jun. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERRING, Susan C. Computer-Mediated Discourse Analysis: An Approach to Researching Online Behavior. In: **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning** (pp. 338-376). New York: Cambridge University Press, 2004. Disponível em <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf>. Acesso 20 mar 2018.

HERRING, Susan C. Computer-Mediated Discourse. In: **The Handbook of Discourse Analysis** (pp. 612-634). Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>. Acesso 17 mar 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel; SILVA, Pricilla. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão"**. Revista Galáxia v. 13, n. 26, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478>. Acesso 5 mai 2019.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-32, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311995000100001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73311995000100001>.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In. LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

WERLANG, Alessandra Pereira; ARRUDA, Mario Alberto Pires. **Sexo como Tecnologia de Modulação dos Corpos: movimento "Free the Nipple" e os tensionamentos em rede**. 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2018, Joinville. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>. Acesso em: 20, jun. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso - Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.